

# PERSPECTIVAS NO ESTUDO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Valeria Portugal  
Mestre pelo HCTE/UFRJ  
[valportugal@gmail.com](mailto:valportugal@gmail.com)

## **Introdução**

Dadas as dificuldades encontradas nas investigações da consciência humana, busca-se entendê-la sob diversos aspectos. Cada perspectiva de pesquisa utiliza seu próprio viés de definição e mensuração. O objetivo deste trabalho consiste em apontar que, dependendo do entendimento conferido ao termo, se utiliza uma metodologia específica de investigação, e ponderar as dificuldades de mensuração de aspectos abstratos, como é o caso dos estados subjetivos associados à consciência e, portanto, de validação das metodologias utilizadas. Uma das abordagens examina os processos mentais como sendo constituídos por uma substância ontologicamente distinta, com existência própria, que pode ou não ser medida. Outro grupo considera que a consciência pode ser explicada por determinados fenômenos físicos que acontecem no cérebro e sua mensuração estaria diretamente relacionada a eles. Outro viés considera a relação da consciência com fenômenos físicos, mas sem a possibilidade de sua redução a eles. Na abordagem fisicalista os métodos de terceira pessoa são privilegiado para seu estudo. Estes métodos operam com um observador externo ao experimento e utilizam aparelhos específicos para medir os fenômenos naturais. Ao se ponderar que a consciência não seja redutível aos fenômenos físicos e inserindo-se os aspectos subjetivos da experiência humana como fator relevante para seu entendimento, o uso de métodos de primeira pessoa pode agregar valor ao uso dos métodos convencionais de terceira pessoa. No entanto permanece o desafio de validar os dados subjetivos oriundos da perspectiva de primeira pessoa e confrontá-los com as informações objetivas decorrentes da mensuração dos processos físicos. Este trabalho busca correlacionar essas diferentes perspectivas através da análise do posicionamento de autores frente ao assunto.

## **Discussão**

Lidar com a consciência como objeto de estudo supõe uma determinada conceituação do termo e uma metodologia de investigação conforme o viés da pesquisa, sendo que este assunto comporta abordagens paralelas. Uma delas visa a compreensão da mente, da consciência e da inteligência humana amparando-se em investigações nas áreas da biologia, da psicologia, da neurologia e da filosofia da mente. Outra abordagem se refere ao desenvolvimento dos computadores e às perspectivas da inteligência artificial, especialmente quanto à possibilidade de robôs adquirirem consciência. Considerando os diferentes contextos, pode-se conceituar o termo como sendo uma faculdade que permite ao ser humano reconhecer a sua existência e a sua relação com o ambiente e que abrange qualidades como memória, cognição, percepção dos estímulos sensoriais, entre outras.

Quanto às abordagens que buscam a compreensão da mente, existe tanto a possibilidade de definir consciência como uma propriedade da natureza, ou seja, um atributo com existência própria, independente de qualquer conexão física, quanto a proposta de explicá-la em termos puramente físicos, até mesmo tentando reduzi-la ao funcionamento biológico. A primeira perspectiva encontra a dificuldade de prover meios testáveis que possam avaliar a definição proposta, pois, por se tratar de um conceito abstrato, não existe a possibilidade de medir os aspectos mentais diretamente com a tecnologia disponível. Os métodos utilizados para explicar a mente, nesse nível, se baseiam em argumentações filosóficas ou averiguação do comportamento sem relacioná-lo à atividade cerebral. A segunda, no outro extremo, não comprova o nível funcional de diversos aspectos mentais, dentre eles a consciência. Por esse viés reducionista considera-se que o estado mental esteja identificado com o biológico, sendo indiferenciado um do outro. Os métodos privilegiados para a investigação dessa abordagem são de terceira pessoa e desconsideram ou consideram em escala de pouca importância os aspectos subjetivos do comportamento humano.

As teorias físicas da consciência propõem explicá-la em termos de eventos neurais que ocorrem no cérebro, seja a nível biológico, seja pelo estudo dos circuitos neurais, ou até mesmo a nível quântico. Como exemplo de teoria física para explicar os aspectos mentais, o físico Roger Penrose trabalha com pesquisas no nível quântico para explicar a dinâmica dos processos cerebrais responsáveis pela produção da consciência. Para ele, no entanto, falta um ingrediente na descrição do mundo pela ciência atual, pois não há teoria física nem biológica que explique a consciência ou a inteligência humana. Apesar de utilizar a mecânica quântica para propor a não computabilidade da mente humana, ele argumenta que a teoria ainda é incompleta, por isso propõe sua junção com a teoria geral da gravitação para uma possível explicação para o aparecimento da consciência a partir de interações quânticas nos microtúbulos neuronais (HAMEROFF e PENROSE, 1996).

Na área da computação a questão se um computador poderia ter uma mente como a humana encontra respostas divergentes. A Inteligência Artificial Forte, que prega que o pensamento pode ser reduzido à computação e a consciência pode ser produzida através da computação apropriada, encontra partidários como o filósofo Daniel Dennett. Penrose descarta essa possibilidade e considera que as atividades físicas do cérebro que produzem a consciência não podem ser simuladas, pois não são algorítmicas. O filósofo John Searle (1997), com sua filosofia do naturalismo biológico, afirma que a mente não pode ser reduzida às atividades de um computador (Inteligência Artificial Fraca). Ele define consciência como uma característica biológica de cérebros de seres humanos causada por processos neurobiológicos, sendo parte da ordem biológica natural tanto quanto a digestão, mas não sabe como os cérebros causam consciência e admite que ainda não existe uma teoria adequada da neurofisiologia da consciência. Ao se considerar a consciência causada por fenômenos biológicos, seria possível produzi-la através da reprodução das capacidades causais do cérebro. De acordo com essa visão, o cérebro causa e sustenta a consciência e é suficiente, mas também necessário, para produzi-la. Para haver a emergência da consciência humana, todas as particularidades das relações e interações biofísicas do cérebro são fundamentais, não bastando uma simulação incompleta dessas relações artificialmente, não sendo possível um computador criar consciência ao simular o cérebro, pois não possui a mesma estrutura biológica e física dele. Sua conclusão também se baseia no fato de programas de computador serem apenas sintáticos (lidam com símbolos e regras) enquanto a mente tem uma capacidade semântica (atribui valores e significado aos símbolos). Ou seja, cada sujeito atribui seu próprio significado e valor à experiência de perceber uma sensação. Ao se focar a atenção nesses aspectos que diferenciam uma experiência da outra se percebe os aspectos qualitativos de acesso subjetivo das experiências. Este aspecto qualitativo das experiências humanas é conhecido nos estudos da filosofia da mente sob o conceito de *qualia*.

O termo “*hard problem*” da consciência, formulado por David Chalmers, se refere ao difícil problema de explicar por que as pessoas têm experiências fenomenológicas qualitativas, ou *qualia*, como as sensações corporais, como a dor, ou os sentimentos, como alegria e tristeza, ou ainda os humores, estar deprimido ou de mau-humor. Por outro lado, a explicação da habilidade de discriminação, de integração de informações, relato de estados mentais, foco de atenção e outros são considerados como “*easy problems*”, ou problemas fáceis, cuja solução consiste em especificar um mecanismo que possa realizar a função. Ou seja, as soluções propostas, independentes de sua complexidade, são consistentes com a concepção materialista de fenômenos mentais, e podem ser relacionadas diretamente com funções neurofisiológicas. Já o problema difícil não se trata de um problema relacionado com a realização de uma função. Os problemas difíceis são distintos porque eles “persistem mesmo quando o funcionamento de todas as funções relevantes foi explicado” (CHALMERS, 1995). Para Chalmers existe uma lacuna explicativa entre função e experiência, pois permanece a questão do porquê a realização de funções cognitivas é acompanhada pela experiência, isto é, mesmo que se entenda neurofisiologicamente como um estímulo doloroso é processado, permanece a questão de se entender porque existe o sentimento de dor, o que corresponde à consciência central definida por Damásio (DAMASIO, 200).

Divergindo da posição de Searle, do reducionismo biológico e do viés dualista de se considerar a consciência como propriedade da natureza, pesquisadores na área de neurofenomenologia consideram que a consciência seja uma propriedade emergente da fisiologia cerebral, mas que não existe um substrato neural mínimo que possa explicá-la (VARELA e SHEAR, 2002). Uma explanação não reducionista traz o novo desafio de estabelecer previsões testáveis entre a experiência no nível da consciência e os processos físicos no sistema biológico cerebral. Nesse contexto torna-se necessário um método que considere o acesso aos aspectos subjetivos da vida mental pela perspectiva de primeira pessoa, já que um observador externo não pode ter acesso aos estados mentais de outro sujeito, e correlacione os dados subjetivos com aqueles obtidos pelos métodos de terceira pessoa que investigam os aspectos neurais. Para que esses dados subjetivos possam ser validados é importante sua verificação intersubjetiva e, a exemplo do viés fenomenológico, também atribuir a emergência da consciência às inter-relações dinâmicas entre um sujeito e outro, não a confinando aos circuitos cerebrais. Neste aspecto as experiências do indivíduo ganham destaque para operar as transformações sobre si mesmo e sobre o ambiente, e elas trazem como atributos indissociáveis as qualidades subjetivas que as acompanham. O uso de um método de primeira pessoa, por essa perspectiva, parece ser interessante para valorizar os relatos subjetivos provenientes da experiência humana, complementando os métodos de terceira pessoa que utilizam aparelhos de medida para verificar os aspectos neurais. Assim busca-se estabelecer as relações entre aspectos subjetivos e neurais, sem entender a consciência como uma propriedade independente e nem considerá-la passível de ser reduzida aos substratos físicos.

O entendimento de mente como uma substância natural independente de fatores físicos, como considera o dualismo ortodoxo, apresenta dificuldades de comprovação e validação frente a dados objetivos, fazendo com que a discussão permaneça no terreno reflexivo e filosófico. O reducionismo biológico, que considera que os estados mentais sejam indiferenciados dos fenômenos físicos que os causam, acredita que os avanços dos estudos neurocientíficos possam trazer o entendimento de consciência. Os métodos de primeira pessoa podem complementar os métodos de terceira pessoa no estudo científico da consciência humana considerando-se que os estados mentais sejam uma emergência dos fenômenos físicos, mas que estes não são suficientes para gerá-los nem para explicá-los. Falta, portanto, o acesso ao ingrediente que se refere aos aspectos subjetivos qualitativos destes estados mentais, que surgem como decorrência da experiência do indivíduo. O acesso

aos estados subjetivos ocorre por uma perspectiva de primeira pessoa e, para torná-lo válido num estudo científico, torna-se preciso fazer sua verificação intersubjetiva, ou seja, mostrar sua correspondência perante outros sujeitos, e compará-lo aos dados objetivos.

## **Conclusão**

Assim como o conhecimento é uma interseção entre verdades e crenças que sejam justificadas, o entendimento de consciência deve passar tanto pela sua conceituação quanto por um meio de verificação. A definição do termo e a forma escolhida para investigá-lo originam grupos que pesquisam a consciência através de procedimentos próprios que apresentam semelhanças e controvérsias entre si. Um grupo entende a consciência como uma propriedade da natureza, sem o interesse pela sua medição direta. Outro grupo supõe que os aspectos mentais possam ser explicados pelos fenômenos físicos que acontecem no cérebro e que a mensuração destes processos seria suficiente para defini-los. Ainda uma outra abordagem considera a emergência dos aspectos mentais a partir de processos físicos, ampliando, no entanto, o entendimento de consciência para o de uma qualidade decorrente do processo evolutivo dos seres vivos. Assim existiria sua correlação direta com a experiência, ou seja, com a interação do indivíduo com o ambiente e com o modo como ela influi sobre o sujeito constituindo-o e construindo o mundo à sua volta. Por essa abordagem, torna-se essencial considerar os aspectos subjetivos da experiência e utilizar um método de primeira pessoa para complementar a investigação científica da consciência.

## **Referências bibliográficas**

CHALMERS, David. Facing Up to the Problem of Consciousness. **Journal of Consciousness Studies**. Vol. 2, n. 3, pp. 200-19, 1995.

DAMASIO, António. **O mistério da consciência**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

HAMEROFF, Stuart; PENROSE, Roger. Orchestrated reduction of quantum coherence in brain microtubules: A model for consciousness. **Mathematics and Computers in Simulation**. Vol. 40, No. 3-4, pp. 453-480, 1996.

SEARLE, John. **A Redescoberta da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VARELA, F., SHEAR, J. **The view from within**. Thorverton: Imprint Academic, 2002.